

# Jornal dos Vigilantes do Brasil



**Confederação Nacional dos Vigilantes**  
**Sindicatos de Vigilantes e de Vigilantes de Transporte de Valores**

Filiado à **CUT** **DiESE** **UNI global**

Brasília - DF - Junho de 2011 - 2ª Edição - Especial Prosegur - Ano IV

## Trabalhadores desmascaram Prosegur

Em fevereiro do ano passado, a direção da Prosegur (matriz espanhola) prometeu que em, no máximo 90 dias, teríamos uma resposta sobre o acordo global para a categoria. Estamos em maio de 2011 e esse acordo ainda não foi assinado. Por quê? Porque a Prosegur simplesmente não tem qualquer interesse em facilitar essa negociação.

A alegação de que o entrave para a solução definitiva era a América Latina não convence mais. Dois momentos importantes – a visita à América do Sul dos representantes da Uni-Sindicato Global que reúne trabalhadores da área de segurança e prestação de serviços em todo o mundo e a reunião entre a CNTV (Brasil), sindicatos espanhóis com a UNI-Sindicato Global em Madri com a direção da matriz espanhola da Prosegur - deixaram claro que esse obstáculo não existe.

Apesar de todos os acenos de simpatia por parte da direção, ficou claro para os representantes da categoria que participaram dos dois eventos que um acordo capaz de corrigir distorções e assegurar os direitos dos vigilantes dos 14 países onde a empresa está presente (no continente europeu está na, Espanha, França, Itália, Portugal e Romênia; na América Latina, na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Paraguai, Peru e Uruguai e, agora, na Ásia, em Cingapura) depende da nossa força e pressão.

Depois dos dois últimos encontros a direção não se comprometeu: disse que vai reunir os diretores de recursos humanos de

todos os países onde a empresa está presente em São Paulo. Só depois desse novo encontro o assunto acordo global deverá ser levado à alta direção da empresa e, num a etapa posterior, uma resposta repassada aos trabalhadores. Não há prazo para isso.



# PROSEGU



Benefício para todos

# Todos temos os mesmos sonhos. E os mesmos direitos.



Se as empresas são globais, nossos direitos também devem ser

De uma vez por todas: não existe lugar nenhum no mundo que não esteja minimamente linkado, conectado ao restante do planeta. As empresas, mesmo as nacionais, não sobrevivem se não acompanharem as mudanças políticas, econômicas, ecológicas, sociais ou quaisquer outras que acontecem diariamente no Brasil e no mundo. Há crise em Portugal, no Egito, na Costa do Marfim ou ataque a covarde a crianças e jovens no Brasil, na Holanda, ou em qualquer lugar do mundo.

Diante disso, pensar ou agir como se as decisões das empresas multinacionais fossem de responsabilidade de um gerente local ou mesmo da direção da empresa no país é se comportar como se estivéssemos vivendo num mundo de 50 anos atrás. As diretrizes e linhas de atuação para aumento do lucro e exploração dos trabalhadores são uniformes para todos os países de sua atuação.

Mas os direitos dos trabalhadores, o tratamento, o respeito, a proteção, nem sempre são iguais. No caso da Prosegur, a fala do Diretor mundial de Recursos Humanos chega às raias do absurdo: "em cada país a direção local faz o que quer na relação com os trabalhadores". Tradução: num país a Prosegur pode pisar, noutro pode tratar o trabalhador um pouquinho melhor. Num país pode pagar salários de miséria (Peru), impor jornadas escravas e usar trabalhadores de outros estados onde não há paralisações e mobilizações para combater greves (Brasil), não deixar organizar sindicatos (Colômbia), deixar vigilantes trabalhando com farda rasgada (Uruguai), fechar-se para não negociar um salário mais justo (França) ou, por outro lado, manter até uma academia na sede (Madri).

Neste ano já fizeram greve os colegas vigilantes da Prosegur do Paraná, Santa Catarina e Bahia. Neste momento, são os colegas do Chile que estão em mobilização e negociando salários e melhores condições de trabalho.

Mas do que nunca temos o compromisso e o desafio de lutar, utilizando as nossas armas (mobilização, pressão, manifestações, greves, denúncias, etc.) para que a multinacional Prosegur trate os seus trabalhadores, independentemente do país ou do local, de forma igual, com dignidade, respeito e assegure salários dignos, condições de trabalho, segurança, jornada, benefícios iguais, além de respeito ao direito de organização sindical e a greve. A luta é o caminho. De graça não se conquista respeito.

A luta é de todos. Direitos e respeito também precisam ser globais.

**José Boaventura**

Presidente da CNTV

**Carlos José das Neves**

Vigilante Prosegur/DF

Secretário de Assuntos de Transporte de Valores CNTV



Só no Brasil, são 28 mil trabalhadores na Prosegur, presentes em 19 estados do país. No total, são 75 mil espalhados por 13 países da Europa, América Latina e Ásia. Nossos problemas são os mesmos. Mas as soluções que a Prosegur propõe para eles são muito diferentes. Por isso, entendemos que nossa união nos torna mais fortes. Por isso, queremos um acordo global, que garanta nossa representatividade junto aos patrões e assegure nossos direitos fundamentais. Mas a matriz espanhola insiste em tratar essa reivindicação com má vontade.

Em alguns países onde a Prosegur está presente, nossos companheiros sequer têm direito à organização sindical - isso acontece na Colômbia e no Peru, por exemplo. Não há liberdade para isso. Queremos um acordo que obrigue a Prosegur a respeitar as leis e normas vigentes em matéria de trato a empregados em todos os países onde atue. Esse compromisso deve necessariamente incluir pagar salários decentes que garantam a sobrevivência e a dignidade do trabalhador, férias e hora extras conforme estabelecido em lei, respeito à jornada de trabalho e o cumprimento de normas relativas à saúde, segurança e higiene no trabalho, incluindo aí equipamentos adequados.

Temos problemas sérios. A Comissão

Consultiva para Assuntos de Segurança Privada (CCASP) do Ministério da Justiça aplicou multas à empresa por desrespeito às normas mais simples de segurança (veja matéria). A empresa celebrou-se pelo desrespeito ao trabalhador, como no caso do acidente em que um vigilante foi atropelado e praticamente ignorado pela empresa em Salvador (BA). O companheiro passou doze dias sem assistência adequada num hospital público.

Ainda assim, podemos considerar que, no Brasil, temos uma situação um pouco melhor em relação a vários companheiros da América Latina. Temos organizações sindicais fortes e uma Confederação que nos representa. Por isso, temos a responsabilidade de atuar como colaboradores e ajudar a fortalecer a organização sindical em países onde ela ainda engatinha ou mesmo onde ela sequer é permitida.

No Uruguai, por exemplo, encontramos companheiros da Prosegur com a farda rasgada e condições de trabalho aviltantes.

Para assegurar conquistas para todos nós, é necessário que cada vigilante participe ativamente. A assinatura do Acordo Global fará de nós uma categoria ainda mais unida, uma única voz falando pelos trabalhadores da Prosegur em todo o mundo. Depende de cada um.

# Mobilização já

Visitas a São Paulo, Chile e Uruguai

## Representantes dos trabalhadores verificam condições de trabalho em SP



Representantes da UNI-Sindicato Global, de três sindicatos espanhóis que reúnem trabalhadores da Prosegur – O Comissões Obreras (CCOO), a Unión General de los Trabajadores (UGT) e a Unión Sindical Obrera (USO) – além dos dirigentes da CNTV que se reuniram em São Paulo depois de visitas ao Chile e ao Uruguai para um encontro de representantes da categoria chegaram a uma conclusão: a empresa não tem qualquer disposição de assinar um acordo global que unifique direitos dos vigilantes e estabeleça condições dignas de trabalho.

A posição da direção da empresa ficou clara e é comum não apenas entre os integrantes da CNTV, mas também em ter os companheiros da UNI e dos

sindicatos espanhóis-esses últimos, bastante surpresos com a própria constatação.

Dirigentes da multinacional espanhol foram bem claros: “em cada país a direção local faz o que quer na relação com os trabalhadores”. Ou seja, depende de cada representante da empresa, em cada um dos países em que ela está presente, definir o tratamento dos empregados, os salários, as condições de trabalho e até se o vigilante pode ou não ser sindicalizado.

A delegação conheceu as condições de trabalho dos companheiros de São Paulo, fez contato com os trabalhadores e sindicatos locais

Encontro na Espanha

## Prosegur foge da raia

Uma delegação formada por representantes da UNI-Sindicato Global, da CNTV e dos sindicatos espanhóis que representam os trabalhadores da Prosegur reuniu-se com a direção da matriz da empresa em Madri, no mês de março, para mais uma rodada de negociações em torno do acordo global.

Mais uma vez, os dirigentes fugiram da raia. Mais uma vez deixaram claro que o acordo global não interessa aos patrões. Mais uma vez as desculpas foram “para inglês ver”. Veja abaixo, o que eles disseram:

1) Que o diretor de recursos humanos da Prosegur estava no cargo há menos de três meses e não conhecia nossa pauta de negociações, entregue há quase um ano.

2) Que cada departamento de RH de cada filial da empresa tem autonomia para estabelecer a

relação com os trabalhadores e as condições de trabalho.

3) Que, para discutir um acordo global, a empresa precisa ter o aval dos contratantes. (No mundo, o principal cliente da Prosegur é o Banco Santander, que tem resistido a fechar acordos com seus próprios funcionários).

4) Que em maio, vai reunir todos os 13 chefes de recursos humanos dos 13 países onde a empresa está presente para discutir nossa reivindicação e depois, vai submeter o assunto à alta direção da empresa. Só então, teremos uma resposta. O detalhe é que eles se recusam a fixar qualquer prazo para essa resposta.

Ou seja, traduzindo para a linguagem simples o que disseram os patrões espanhóis, fica claro que acordo global, só na marra.

Cada vez mais é evidente que se quisermos algo de grandes empresas como a Prosegur, temos que nos manter unidos. Temos que conquistar nossos direitos por nossa própria determinação. Definitivamente, não contaremos com a boa vontade dos patrões.



## Prosegur multada em R\$ 40 mil por desrespeito ao cliente, aos trabalhador e à população

A Prosegur brasileira é assunto comum nas reuniões da Comissão Consultiva para Assuntos de Segurança Privada (CCASP) do Ministério da Justiça. Os processos por desrespeito às normas de segurança são muitos e as infrações vão de falta de colete à prova de balas para os vigilantes até o não fornecimento de armamento para trabalhador em instituição bancária ou fornecimento de arma em péssimas condições de conservação.

Ou seja, não há o mínimo respeito com a vida do trabalhador, submetido à risco desnecessário e a condições indignas para exercer sua função.

Na última reunião, a empresa foi multada em R\$ 40.080,39 por descumprir as regras estabelecidas pela Lei Federal nº 7.102/83 e outras normas de

segurança. A CCASP analisou 13 processos envolvendo a empresa.

Para o presidente da CNTV, José Boaventura, o grande número de processos concentrados numa

### Problemas detectados pela CCASP:

- Falta de coletes
- Falta de armamento para vigilantes que fazem a segurança de estabelecimentos bancários
- Armas sem condições de uso.
- Carros-fortes sem sistema de comunicação ou com sistema inoperante

única empresa revela o total descaso da Prosegur com a segurança de seus funcionários. “Deixar de fornecer colete, por exemplo, é uma falta de respeito com a vida do trabalhador. Sem o colete, a vida do vigilante corre um risco absurdo. E para quê? Para economizar uns trocados?”, questiona.

Outra irregularidade punida pela Comissão foi a falta de sistema de comunicação no carro de Transporte de Valores. “O carro até tinha o equipamento, mas ele não funcionava”, relata Boaventura, que participou da reunião como representante dos vigilantes. “Assim, se houver um assalto, por exemplo, o que eles esperam que o vigilante faça; que toque a buzina?” questiona.

# Trabalhadores chilenos iniciam negociação coletiva



Os trabalhadores de transportes de valores da espanhola Prosegur que trabalham no Chile deram início ao processo de Negociação Coletiva com a empresa. A negociação é o mecanismo jurídico de que dispõe a lei trabalhista chilena para acordar os ajustes que as partes entendam justas nas condições gerais e específicas da relação entre trabalhadores e empregados, por causa do fim do contrato coletivo anterior.

Vale destacar que, pela primeira vez, todos os trabalhadores de transporte de valores da multinacional Prosegur no Chile estarão representados pela Federação Nacional de Trabalhadores em

Segurança do Chile (Fenatrasech), um fator que “nos dá confiança para poder chegar a bom termo em nossas justas reivindicações”, disse Hugo Muñoz, presidente do sindicato.

A abertura das negociações sobre o Acordo Coletivo entre os trabalhadores de transporte de valores da Prosegur no Chile aconteceu poucas semanas após uma visita a Santiago, feita por uma delegação integrada por dirigentes sindicais espanhóis do setor de segurança privada, todos vinculados à multinacional espanhola. Também integraram a delegação uma equipe de funcionários da Uni Global, tanto de sua sede principal em Nion, na Suíça, como do

escritório regional das Américas.

Os secretários de Assuntos de Transporte de Valores, Carlos José das Neves e de Imprensa e Divulgação, Edilson Silva Pereira, da Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV) fizeram parte da delegação encarregada de discutir o acordo global entre a multinacional espanhola e os trabalhadores dos 17 países onde a Prosegur está presente.

A CNTV destaca esse importante avanço do movimento sindical chileno e insiste na defesa de um acordo global que beneficie todos os trabalhadores, independentemente de onde eles trabalham.

## RONDA NAS BASES

No Brasil, os vigilantes que trabalham para a Prosegur enfrentam problemas específicos.

Os sindicatos recebem denúncias constantemente e estão atentos e lutando para resolver problemas graves como:

### - Substituição de rádios por aparelhos celulares

No Rio de Janeiro, carros-fortes foram vistoriados e aprovados mesmo sem que contassem com os aparelhos de rádio que fazem parte do equipamento obrigatório. Por conta disso, 38 rádios já foram retirados dos carros da Prosegur. O Sindicato atua para reverter essa situação e já tem parecer da Polícia Federal favorável ao rádio. O entendimento é que os celulares do tipo Nextel podem ser complementares aos equipamentos de rádio, mas não podem substituí-los.

### - Jornada de trabalho excessiva

As jornadas dos vigilantes da Prosegur costumam ultrapassar 12 horas/dia, quando uma jornada justa não deveria ir além de oito horas diárias. Os sindicatos tem trabalhado junto às Centrais Sindicais pela redução da jornada. Outro problema grave é o desrespeito ao intervalo intrajornada.

Em Rondônia, o problema é a compensação de horas. O vigilante trabalha 12 horas, sem intervalo, e tem folga no dia seguinte. A questão já foi levada ao Ministério Público e está em análise no Tribunal Regional do Trabalho.

Em São Paulo, a questão do banco de horas já foi resolvida pelo menos em São José do



Rio Preto, segundo informa o Sindforte-SP.

No Paraná, os companheiros reclamam que não têm folga. “Se o vigilante completou sua jornada de trabalho e, mesmo assim, estiver escalado no domingo e não for, mesmo avisando à empresa, sofre assédio da chefia”, denuncia o presidente do Sindeesfortpr, Paulo Sérgio.

Em Santa Catarina, a discussão acabou levando a categoria à greve. Os trabalhadores de transporte de valores do estado chegaram a paralisar 95% da categoria, exigindo o fim da compensação de horas, reajuste salarial digno e a validade da Convenção Coletiva de Trabalho por apenas um ano. Os vigilantes não aceitam,

principalmente, a compensação de horas. Agora, o problema está sob análise do Tribunal Regional do Trabalho.

A questão da intrajornada também é um problema no Mato Grosso do Sul. Os companheiros relatam que, para driblar a regra que obriga ao descanso em viagens longas, os carros-fortes são obrigados a parar, mas os vigilantes não podem se afastar nem sair do local. De acordo os companheiros, isso coloca em risco a integridade dos vigilantes.

No Rio de Janeiro, a discussão e a obrigação de cumprimento do intervalo intrajornada levou a represálias. A Prosegur lançou um programa de demissão voluntária, que acabou em demissão involuntária mesmo. Companheiros foram aposentados ou “convidados” a sair. A empresa alega excesso de pessoal, mas não convenceu.

### - Insalubridade dos carros-fortes

Laudos por amostragem revelaram excesso de ruído com perda auditiva comprovada de alguns trabalhadores. Os sindicatos exigem o pagamento de insalubridade nos últimos cinco anos e a solução do problema com substituição dos carros antigos e barulhentos por novas viaturas.

### Expediente

Diretoria Executiva

Presidente: José Boaventura Santos; Secretário Geral: João Soares; Secretário de Finanças: Iervalino Rodrigues Bispo; Secretário de Assuntos Jurídicos: Luís Carlos da Silva; Secretário de Assuntos Parlamentares e de Classe: Chico Vigilante (Licenciado); Secretário de Formação: José Inácio Cassiano de Souza (Licenciado); Secretário de Políticas Públicas Sociais e de Saúde: Geizo Araújo de Souza; Secretário de Imprensa e Divulgação: Edilson Silva Pereira; Secretário de Relações Intersindicais: Carlos Bernardo Ferreira; Secretário de Assuntos de Transporte de Valores: Carlos José das Neves; Secretária de Assuntos das Mulheres: Regina Perpétua Cruz

Fotos: Carlos Alberto Santos Machado . Jornalista Responsável: Giselle Chassot MTE 2042-DF. Projeto Gráfico e Diagramação: Anibal Bispo

Site: [www.vigilantecntv.org.br](http://www.vigilantecntv.org.br)  
Email: [cntv@terra.com.br](mailto:cntv@terra.com.br)  
[cntv@vigilantecntv.org.br](mailto:cntv@vigilantecntv.org.br)  
Fone: (61) 3321-6143  
Sds Edifício Venâncio Jr Loja 9-11  
Cep: 73.300-000 Brasília - DF